

Notas sobre a antiga pintura religiosa em Pernambuco

Uma das manifestações mais importantes de arte religiosa no Brasil, e que até bem pouco tempo quase foi relegada a um plano secundário, é a pintura de antigos quadros e painéis que ainda hoje se encontram nos altares e sacristias das velhas igrejas.

Presentemente, entretanto, parece que um certo interesse tem ela despertado, pois, só aqui em Pernambuco, em duas exposições de arte sacra, constituiu, talvez, aquela pintura, a parte mais relevante dos certames.

Tanto no Museu Regional de Olinda, onde se realizou a primeira, como no claustro e sacristia da Ordem Terceira de São Francisco, onde ficou instalada a segunda das referidas exposições, foram reunidos e apresentados ao público, juntamente com outros objetos de arte, vários quadros religiosos, pintados sobre madeira, pertencentes às igrejas de Recife e Olinda.

Trata-se, na realidade, de obras de indiscutível valor artístico, merecedoras da atenção, não só dos estudiosos de História da Arte, como também dos artistas modernos, que nelas poderão encontrar um manancial rico de sugestões felizes.

Apesar de não serem trabalhos muito antigos, pois a data de sua execução deve estar situada entre os séculos XVII e XVIII, pouco ou quase nada se conhece dos seus autores e da época em que eles viveram; excetuando a pintura do teto da igreja de São Pedro dos Clérigos, em Recife, obra de João de Deus Sepúlveda, que na mesma trabalhou entre os anos de 1764 e 1768 e a que está no forro do coro da mesma igreja, de autoria de Luiz Alves Pinto, tudo o mais é desconhecido.

Essa falta, em grande parte motivada pela ausência quase absoluta de pesquisadores desse assunto, fica ainda agravada pelas dificuldades provenientes da necessidade de consultar numerosos documentos que, atualmente, se acham nos arquivos das irmandades ou em poder das comunidades dos conventos.

Enquanto não é possível proceder a cuidadosa investigação nos papéis acima referidos, o que requer paciência e tempo, poderemos, pelo resultado exclusivo de um exame de fatura e composição, chegar a algumas conclusões de ordem geral, podendo orientar o curso de futuras pesquisas mais minuciosas.

Façamos, portanto essa ligeira análise sobre aqueles quadros em que se torne mais fácil exercê-la.

No número das obras mais suscetíveis dessa observação convém incluir, além das duas já citadas, os quadros da Sé de Olinda, os da Ordem Terceira de São Francisco, em Recife, as pinturas do Amparo, em Olinda, os quadros da Igreja de N. S. dos Prazeres e mais alguns outros.

Sobre eles já se tem feito uma larga documentação fotográfica, aliás, em boa hora iniciada por José Maria C. de Albuquerque, diretor do Museu de Recife.

A pintura colonial em Pernambuco apresenta, como as suas congêneres nos países latino-americanos, relações muito vivas com as tendências pictóricas da mesma época do estrangeiro. Em muitos desses quadros pressente-se a técnica dos pintores flamengos dos séculos XVI e XVII, em outros se encontra uma viva influência da pintura espanhola, com processos de claro-escuro riberiano[?] ou com o modelado mais fluido de Murilo, outros ainda revelam a

[?] No recolhimento da Glória do Recife existe um quadro do mais puro estilo de Ribera ou Zurbaran: *A Sagrada Família, com S. Joaquim e Santana*.

maneira dos quadros portugueses saídos das oficinas de Gregório Lopes ou de seus continuadores.

Das obras existentes, na Sé de Olinda, sobressaem-se os dois painéis representando *O Encontro de Jesus com a Virgem* e *Jesus Escarnecido pelos Judeus*, medindo ambos 3x3 metros, que faziam parte, certamente, dadas a natureza do assunto e a regularidade de tamanho, de uma coleção de cenas da Via-Sacra; esta suposição é, aliás, fortalecida por se terem encontrado, no mesmo local, outras tábuas com vestígios de pintura, em tudo semelhantes às que compõem aqueles quadros e que pertencem, sem dúvida, a outros painéis.

O catálogo de Exposição de Arte Sacra realizada em Recife, por ocasião do III Congresso Eucarístico Nacional, considera-os “da Escola Flamenga, provavelmente da Escola de Jerônimo Bosch (1460/1516)”.

Esta hipótese não é de todo descabida; as figuras dos judeus deformados e grotescas lembram, realmente, as composições de Bosch ou, mais especialmente, as de Breughel o Velho, sendo digno de nota que o primeiro foi pintor muito apreciado na Espanha do tempo de Felipe II.

É interessante registrar algumas particularidades na composição desses quadros; em ambos a figura do Cristo ocupa o centro (em um deles o rosto de Jesus está rigorosamente na interseção das diagonais), as demais figuras estão dispostas formando circuitos em torno da personagem principal; estes arcos de circuito são cortados por duas linhas horizontais nas partes superior e inferior dos dois painéis.

A pintura é sólida, vigorosa e rica de colorido, sendo assinaláveis a felicidade de certas soluções, a robustez de modelado, acentuando a nota dramática e lembrando já o barroco.

O desenho e o colorido desses quadros mostram uma sábia disposição de contornos e de efeitos plásticos, uma justa harmonia de tons luminosos, um conhecimento perfeito dos contrastes.

Na Sé de Olinda encontram-se ainda outras pinturas que merecem ser mencionadas: o *Retábulo de Santa Quitéria*, o *Bem-aventurado Olegário*, *Santo Estanisláu*, *Santo Otaviano*, etc.; o primeiro, de uma composição primitiva e superficial, reproduz sobre o mesmo quadro, três cenas em proporções e perspectivas diferentes; no primeiro plano, e tomando quase toda a altura do quadro, *Santa Quitéria*, tendo, sobre a cabeça, um anjo em atitude de coroá-la; do lado direito, em plano mais afastado, a cena do seu martírio e, por último, ao fundo, do lado esquerdo, o castelo onde ela viveu.

Entre as pinturas das outras igrejas de Olinda são dignas de observação as do teto da sacristia e da nave principal da Igreja do Mosteiro de São Bento e as do Convento de São Francisco; merecem especial reparo, por sugerir também influências nórdicas, os quadros dos altares laterais da Igreja da Conceição, pelo senso de arbitrário e de simultâneo, somente comparáveis às concepções supra-realistas de nossos dias, despertam curiosidade.

Na capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco, em Recife, emoldurada pela riquíssima obra de talha, depara o visitante com uma coleção de quadros religiosos, provavelmente a mais rica do Brasil; nas paredes do coro e no teto, numerosas pinturas expõem o seu admirável colorido na meia luz reinante, provocada pelos dourados da talha de que está revestida toda a capela.

Nota-se logo, à primeira vista, a diversidade da técnica usada em tais pinturas, revelando não terem sido executadas por um só artista e talvez, também, não em uma só peça.

Na parte mais baixa das paredes laterais, entre os altares, estão os quadros: *Fé*, *Esperança*, *Caridade e Constância*, de uma pintura doce, de suaves contornos, denotando influências do estilo de Murilo; a forma do rosto das figuras, a disposição do planeamento, os tons azuis e róseos procuram, evidentemente, imitar a maneira desse pintor; o autor dos quadros deve ter sido admirador do grande artista sevillano e talvez mesmo um seu discípulo; não é absurda

esta lembrança considerando que Murilo executou vários trabalhos no Convento de São Francisco, em Sevilha, o que vem, de certo modo, justificar a presença de quadros que são verdadeiras imitações da sua técnica, em várias comunidades franciscanas, na América, como os do Convento de Guadalajara, atualmente no Museu Nacional do México.

Ainda nas paredes laterais, a meia altura e na parte superior estão muitos outros quadros, destacando-se os oito maiores representando: *Santa Humiliana*, *São Pedro de Podio*, *Santa Adriana*, *São Luiz Rei de França*, *Santa Joana da Cruz*, *São Torreló*, *Santa Margarida de Cortona*, *São Henrique R. de Dedássio*; todas essas estão compostas procurando realizar "pintura fechada" com motivos arquitetônicos, anjos, festões de rosas, etc.

As pinturas do teto obedecem a uma fatura diversa das duas primeiras, menos acadêmicas, menos rígida; dão a impressão de uma concepção pitórica complexa, realista e original.

Todas elas apresentam sinais visíveis de retoques, nem sempre felizes, e, no dizer do Sr. Fernando Pio, foram executadas de 1699 a 1702.

O teto da igreja de São Pedro dos Clérigos representa o *Triunfo de São Pedro*, em grande escorço, mostrando uma opulenta arquitetura, porém medíocre no desenho das figuras e no colorido; mais valiosa é a pintura do forro do coro representando também São Pedro, trabalho executado pelo pintor já mencionado, em 1805.

Pela segurança com que foi feita esta obra, pode-se atribuir a Luiz Alves Pinto qualidades apreciáveis de colorista, com uma firme consciência de seu ofício, e supor a sua atividade artística estendida à composição de outras obras que bem podem ser identificadas.

Na Igreja de N. S. dos Prazeres, nos Montes Guararapes, há também vários quadros de boa pintura, dentre os quais cumpre notar quatro painéis de dimensões regulares, com bastante influência de certos pintores portugueses.

O material a estudar é, como se vê, copioso, e oferece ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, um vasto campo de pesquisa.